

EUA e França apóiam empréstimo-ponte

O duplo apoio ao pedido
brasileiro de
US\$ 500 milhões
tranquiliza Maílson

REALI JÚNIOR
Correspondente

PARIS — Se a necessidade de um empréstimo-ponte de US\$ 500 milhões estava tirando o sono do ministro Maílson da Nóbrega, a partir de agora ele poderá dormir tranqüilo: depois de a Grã-Bretanha, anteontem, ter deixado claro que vai participar do empréstimo, ontem foi a vez da França e dos Estados Unidos. Em Paris, o ministro da Economia francês, Pierre Bérégovoy, confirmou a adesão do seu país, praticamente ao mesmo tempo em que, em Washington, o Departamento do Tesouro dos EUA assumia a mesma posição.

Ontem, o ministro Maílson esteve reunido durante 40 minutos com Bérégovoy, que prometeu o apoio do governo francês às futuras negociações do Brasil com o Clube de Paris, mesmo considerando exageradas as pretensões brasileiras na proposta apresentada. O Departamento do Tesouro norte-americano divulgou nota oficial confirmando sua adesão ao empréstimo-ponte (ver ao lado).

O próprio ministro brasileiro percebeu a reação e justificou dizendo que "o Clube de Paris ainda não esqueceu as experiências das últimas negociações com o Brasil, que deixaram certas seqüelas que estamos pretendendo eliminar", afirmou.

Esta reabertura de negociações com o Clube de Paris e a previsão de reescalonamento da dívida externa brasileira até o final deste mês constituem o encerramento de uma fase da história financeira do Brasil, a da confrontação e da moratória. Pelo menos é

esta a opinião que está sendo manifestada por inúmeros banqueiros franceses que estiveram ontem na sede da Associação Francesa de Bancos acompanhando as explicações de Maílson da Nóbrega sobre a estratégia econômica do Brasil — este encontro também foi acompanhado por William Rhodes, presidente do comitê de bancos de Nova York.

PRAZO MAIOR

O ministro brasileiro e seus dois principais assessores neste assunto, Sérgio Amaral e Antônio de Pádua Seixas, têm mantido sob sigilo a proposta brasileira que será negociada com o Clube de Paris, oficialmente, no dia 28. E isso estaria acontecendo porque o Brasil está pedindo mais do que Argentina e México conseguiram junto ao Clube.

O objetivo de Maílson é conseguir o melhor acordo já assinado pelo Brasil, além de condições mais interessantes do que as ofere-

cidas ao México e à Argentina (que recentemente conseguiu um prazo de rescalonamento de oito anos, enquanto o Brasil pede dez). O Brasil ainda quer a consolidação de suas dívidas vencidas em 87 e 88, além do período a vencer no ano que vem. Outro problema é a taxa de juros reivindicada pelo País, considerada irreal pela área bancária européia.

INFLAÇÃO ASSUSTA

E não é só no Brasil que a inflação está preocupando. Na Europa os banqueiros também têm demonstrado receio diante dos altos índices dos últimos meses. O ministro brasileiro tem evitado comentar muito esse tema para não alimentar as preocupações, alegando que os índices oficiais de julho ainda não foram publicados (a expectativa é de uma taxa em torno de 23%). Para os europeus, Maílson garante apenas que não há nenhum plano para aplicar um choque na economia como forma de conter a inflação.